

Economia Mundial, Crescimento Populacional e Sustentabilidade Florestal

Celso Foelkel

www.celso-foelkel.com.br

www.eucalyptus.com.br

A recente crise financeira mundial do final do ano de 2008 escancarou para a sociedade humana mais uma verdade muito pouco conveniente. Nossa economia mundial precisa crescer a uma taxa média elevada, no mínimo entre 3 a 5% ao ano, para manter equilibrado o modelo de desenvolvimento vigente. Qualquer perda percentual de 1 a 2 pontos ao ano já é capaz de ocasionar enormes estragos para a população humana, tais como perdas de empregos, falta de alimentos, de combustíveis, de moradias, de segurança, etc.

A população humana vem crescendo também de forma indiscriminada e exponencial. Surpreendentemente, isso parece não causar preocupações a políticos (que querem mais votos) e a religiosos (que demandam mais fiéis). Quando Deus abençoou a humanidade e proclamou a famosa frase bíblica "Crescei e multiplicai-vos", talvez não tenha se dado conta que levaríamos isso tão a sério. Apenas para uma ligeira reflexão comparemos:

- Na época de Jesus Cristo, a população mundial era de cerca de 300 milhões de pessoas, conforme estimam os historiadores;
- Em 1830 alcançou seu primeiro bilhão de pessoas;
- Em 1930, o segundo bilhão;
- Em 1975, o quarto bilhão;
- Em 1987, o quinto;
- Em 1999, o sexto;
- Em 2012, espera-se que atinja o sétimo bilhão.

Nas últimas décadas temos acrescentado um bilhão de pessoas no planeta a cada 12 a 14 anos, com um crescimento médio anual de 1,2%. Apesar da natalidade estar decrescente, também está aumentando a longevidade das pessoas. Com isso, aumentamos cada

vez mais o nosso número, aumentando assim o potencial de predação aos recursos naturais.

O modelo econômico atual está baseado no pressuposto de que o crescimento da economia deve ser bem maior que o do crescimento vegetativo da população para poder funcionar. Como a geração de empregos diminui cada vez mais pelo avanço da tecnologia, não basta a economia crescer 1,2% ao ano, empatando com o crescimento populacional. É preciso crescer bem mais que isso para absorver as pessoas jovens que chegam ao mercado de trabalho e demandam posições para serem felizes. Essa verdade inconveniente foi ligeiramente mencionada por Al Gore em seu magnífico filme sobre as mudanças climáticas afetando o planeta Terra. Só faltou a ele dizer que deveríamos procurar mecanismos para evitar esse crescimento populacional desordenado e incompatível com a capacidade de absorção do planeta vivo Gaia.

Crescer entre 3 a 5% ao ano na economia tem um impacto fenomenal sobre a Natureza. São recursos naturais escassos e limitados sendo demandados cada vez mais intensamente. Mais terra, mais água, mais madeira, mais combustíveis, mais produtos industrializados, etc. etc. Qual o limite desse crescimento? Até onde conseguiremos chegar? Quando ocorrerão pontos de saturação? Quais chegarão primeiro?

Levando em conta essas realidades, temos que nos preparar e adequar nosso setor de base florestal para que não estejamos entre os causadores de predação irreversível à Natureza. Felizmente, temos um setor que se baseia em recursos naturais renováveis: sua matéria-prima madeira pode ser plantada e sua energia pode ser quase que totalmente originada de fontes renováveis (biomassa). Entretanto, temos também nossos impactos sócio-ambientais, inquestionáveis. Alguns são positivos, outros negativos. Isso é válido para nossas fábricas e para nossas florestas plantadas. Cabe a nós, que gerenciamos e operamos isso, minimizar os danos e maximizar os benefícios, de acordo estamos, não é mesmo?

Muitos ambientalistas de plantão se preocupam muito com nossas florestas plantadas. Às vezes, de forma exageradamente negativa; outras vezes, com justificadas razões. Uma coisa é absolutamente certa: precisamos plantar florestas para gerar recursos naturais renováveis e demandados por nossa sociedade, que transita dentro de uma economia que exige crescimento, como já vimos. Se esse modelo econômico atual é adequado ou não, esse é outro problema a ser resolvido, mas parece que não há muita pressa sobre isso. Demandará muito diálogo, reflexões, estudos, ações, negociações. Também exigirá muita avaliação e reflexão o tema crescimento populacional e as possíveis restrições a esse crescimento.

Portanto, se o nosso papel atual é o de plantar florestas para gerar bens de consumo sustentáveis para nossa crescente e demandante sociedade, temos que fazer isso muito bem, da melhor forma possível. O que estamos fazendo hoje é bom, não tenho dúvidas. Falamos muito e praticamos o que chamamos de bom manejo florestal, ou manejo florestal sustentável. Temos florestas plantadas certificadas, com adequada proteção ao solo, à biodiversidade, aos recursos hídricos. Entretanto, na vida sempre é possível se fazer melhor algo que estamos fazendo hoje. Sempre existirão oportunidades para melhorar. E também, ameaças para piorar, evidentemente. Não basta apenas o foco nas tecnologias operacionais e nos custos. Não basta apenas crescer rendimentos florestais sem atentar sobre a qualidade futura das áreas onde plantamos nossas florestas. Sejam elas de eucalipto, *Pinus*, acácia, teca, corticeira, bracatinga, álamos, plátanos, araucária, lenga, etc.

Quando escuto nossos entusiasmados técnicos florestais mencionarem que hoje no Brasil pode-se alimentar uma fábrica de 1 milhão de toneladas de celulose ao ano com apenas 100.000 hectares de florestas plantadas de eucaliptos com corte raso aos 6-7 anos (período da rotação), não posso deixar de ficar orgulhoso de nossos feitos tecnológicos e científicos. Entretanto, começo a ficar assustado quando ouço os mesmos técnicos dizerem que em pouco tempo mais teremos necessidade de apenas 80.000 hectares de plantações de eucalipto para alimentar uma fábrica de celulose de mercado de 1,3 milhões de toneladas, com rotação em talhadia simples com corte raso aos 5 anos. Rotações muito curtas começam a trazer problemas para o solo, não há como evitar ou compensar com fertilizantes minerais. Os problemas não são apenas de fertilidade, mas de umidade, estruturação, compactação, carbono orgânico, micro-vida, etc. Portanto, até quando poderemos usar tão intensamente essa terra sem exauri-la? O que estará reservado no futuro para essas terras, se esse tipo de manejo florestal intenso e localizado persistir?

Os ambientalistas mais ativos acusam a agricultura do café, do arroz, da laranja, da soja e da cana-de-açúcar de terem ou estarem exaurindo os solos do país. Agora se perguntam também, o que será das terras plantadas com eucaliptos e com *Pinus*? Nós do setor não podemos esperar para ver o que vai acontecer, mesmo que tenhamos evidências de que os impactos são mínimos. Conhecemos muito bem as melhores formas de proteger os solos, os recursos hídricos, a biodiversidade. Sabemos como minimizar esses impactos, embora com uma atividade em larga escala seja impossível se eliminar completamente muitos deles. Entretanto, sempre há a opção de se compensá-los, com outras medidas conservacionistas, tais como a manutenção de extensas áreas de preservação natural permanente, que

hoje representam quase 50% das áreas totais das empresas florestais brasileiras.

Em relação ao manejo florestal das plantações, tenho falado e escrito muito sobre isso, gostaria de ver algumas coisas acontecendo com maior velocidade nesse particular. Algumas delas são relativamente simples, fáceis de serem implementadas e representam enormes ganhos ambientais para os ecossistemas florestais. Entretanto, sua implementação representa mudanças conceituais na gestão florestal, o que acabará retardando um pouco o processo. Por outro lado, elas acontecerão necessariamente, até porque a história estará sendo traçada nesse caminho. Resta apenas esperar ou sair na frente, fazendo o que de mais adequado se conhece em termos ambientais.

Dentre essas medidas de maior sustentabilidade aos nossos eco-mosaicos florestais tenho enfatizado as seguintes:

- Minimizar as ações antrópicas sobre as áreas florestais: quanto menos o homem interferir sobre o sítio florestal; quanto menos vezes ele se apresentar por ali para afetar o ambiente, melhor para o eco-mosaico produtivo arquitetado.
- Aumentar o comprimento da rotação florestal: quanto mais tempo a floresta plantada permanecer crescendo, mais efetiva será a ciclagem de nutrientes, melhor será a estruturação do solo, a micro-vida, os regimes hidrológicos, etc. Dentre os modelos de manejo hoje adotados, os baseados em rotações longas, com desbastes intermediários são indubitavelmente os mais ecoeficientes.
- Promover a rotação de culturas, preferencialmente utilizando espécies alternativas de leguminosas arbóreas fixadoras de nitrogênio: uma fábrica de celulose de fibra curta pode perfeitamente ter seu suprimento de madeira baseado em eucalipto e acácia, por exemplo. Os plantios podem acontecer alternadamente em uma determinada área de terra. Eventualmente, essa mesma área pode ter um descanso após um certo período de uso produtivo, virando uma área de preservação permanente. Tudo dentro de um ecoeficiente planejamento, visando à sustentabilidade.
- Manter os restos de colheita sobre o solo florestal: cascas, galhos finos, folhas, ponteiros colaboram para melhorar o solo e os recursos naturais da área. Fico definitivamente apavorado com as tecnologias de rapinagem desse material todo por máquinas raspadoras de serapilheira para alimentar caldeiras de força ou biorefinarias de etanol celulose. Algo que lutarei contra, com todas minhas energias.
- Trabalhar sempre com tecnologias de mínimo impacto ambiental: preparo mínimo do solo, mínimo uso de agroquímicos, uso

fertilizante de compostos orgânicos de resíduos industriais, uso fertilizante de cinzas de caldeiras de biomassa, etc., etc.

Muitas vezes, o foco do gestor florestal se concentra na produtividade florestal e nos seus custos operacionais, considerando que pelo fato de já cumprir os preceitos recomendados pela certificação florestal, já está com diploma de ambientalista garantido. Eu já considero que devemos olhar primeiro o nosso fantástico eco-mosaico florestal com uma visão de helicóptero e encontrar as maneiras corretas de fazê-lo produtivo, mantendo a sustentabilidade almejada. Só uma questão do que focar primeiro - os objetivos de produtividade e de resultados econômicos serão mantidos em ambos os casos.

Portanto amigos, independentemente se a economia mundial nos continuar pressionando nas próximas décadas a continuar crescendo a taxas elevadas, podemos fazer isso com muito maior nível de sustentabilidade. Há maneiras e maneiras de se produzir florestas plantadas: a eleição será nossa, mas as conseqüências recairão não apenas sobre nós, mas sobre as gerações futuras também. Temos um nível de conhecimento disponível hoje que nos permite fazer bem - no futuro conheceremos mais e faremos ainda melhor. Temos que estar atentos e compromissados em praticar e não apenas falar em sustentabilidade. Queremos e precisamos de plantações florestais. Elas ajudam a proteger as matas naturais e a fornecer produtos e benefícios para a sociedade. Mas precisamos plantá-las e manejá-las com qualidade ambiental, com visão não só de presente, mas de futuro distante também.